



Alinhamento do Monte da Têra

LEONOR ROCHA E RUI MATALOTO

8.8

## CONJUNTO MEGALÍTICO DO MONTE DA TÊRA

O conjunto megalítico do Monte da Têra foi identificado em 1996 por M. Calado e L. Rocha e é constituído por dois sectores (Sector 1 - Alinhamento; Sector 2 - Necrópole). Ao longo dos últimos 12 anos teve várias campanhas de escavação, coordenadas numa primeira fase por L. Rocha e, a partir de 2006, por L. Rocha e R. Mataloto.

No que diz respeito ao Sector 1, à altura da sua identificação, apenas eram visíveis, à superfície, cinco monólitos, todos tombados para Sul e dispostos em linha recta. Esta situação levou-nos, desde logo, a classificá-lo como um alinhamento, não obstante se desconhecerem paralelos na região.

O objectivo da escavação, que se iniciou em 1997, era o de confirmar e caracterizar este alinhamento e, numa fase seguinte, tentar estabelecer uma conexão com o segundo conjunto de menires que se encontrava amontoado, a cerca de 100m de distância.

As campanhas realizadas em 1997 e 1999 permitiram confirmar o alinhamento de menires, que se encontrava inserido numa estrutura pétreia, tipo calçada, verificando-se ainda que este conjunto era composto, inicialmente, por 9 menires, uma vez que se encontraram os alvéolos de mais 4 menires. Por outro lado, verificou-se ainda que se tratava não de um monumento pré-histórico, como se havia considerado inicialmente, mas sim da 1ª Idade do Ferro.

A partir de 1999 deu-se início à escavação do Sector 2, que decorreu até 2005 de uma forma bastante lenta, face à escassez de financiamentos. A partir de 2006, com o financiamento atribuído pelo Instituto Português de Arqueologia, através do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, a intervenção neste Sector ganhou um novo ritmo.

Os trabalhos passaram a ser coordenados pelos signatários coadjuvados pela Dra. Catarina Alves,

arqueóloga de campo, com o auxílio de estudantes de arqueologia de universidades nacionais (Lisboa e Évora) e estrangeiras.

Se durante a primeira fase dos trabalhos se privilegiou a abertura em área, de modo a decapar-se toda a estrutura tumular da necrópole, na segunda fase decidiu-se iniciar o levantamento da mesma e a escavação dos níveis subjacentes, nomeadamente dos enterramentos (em urna ou em cista).

Até ao momento foram detectados 32 possíveis enterramentos, 12 na primeira fase e 20 na segunda. Todavia, a multiplicidade de situações detectadas, o estado de conservação bastante deficitário e a falta de estudo global dos vestígios osteológicos, impede que se tecam mais comentários sobre o número efectivo de tumulações.

A área de escavação parece abarcar uma parte considerável da necrópole, ainda que seja impossível definir com clareza toda a sua extensão, pelo simples facto de se encontrar adjacente a um estradão que estrutura a circulação na Herdade da Tera, para onde se deveria expandir. Por este mesmo motivo, é igualmente complexo saber se esta área se encontra ainda preservada.

A necrópole compõe-se de uma ampla carapaça pétreia que cobre toda a área de tumulação, pelo menos na área já escavada. Sob esta, surgem ao menos duas ou três estruturas de planta rectangular, que parecem enquadrar alguns enterramentos. A par destas detectaram-se igualmente duas cistas, de lajes em cutelo, e cerca de 1m de comprimento máximo e 0,65m de largura. Uma delas é construída em lajes de xisto, que se encontra geologicamente descontextualizado, distando as fontes mais próximas vários quilómetros do local.

A incineração constitui o único ritual de tratamento dos corpos documentado, encontrando-se os restos osteológicos incinerados no interior de urnas cerâmicas ou, mais raramente, aconchegados entre grandes fragmentos cerâmicos, por entre as pedras do túmulo.

As urnas eram usualmente depositas em covachos, em geral pouco profundos, sendo tapadas por taças ou outras formas abertas e acompanhadas por pequenos unguentários de cerâmica. O espólio metálico e de vidro é raro, e normalmente em bastante mau estado de conservação.

As deposições de urnas eram, em geral, individuais e mais raramente múltiplas. Numa situação foi possível documentar cinco deposições de urna no mesmo covacho, sendo ainda complexo tecer comentários sobre a origem deste facto.

Apesar da escassez de informação sobre o Mundo funerário do primeiro milénio a.C. no território alentejano, e no sudoeste peninsular em geral, é possível enquadrar cronologicamente a necrópole da Tera dentro do séc. V a.C, podendo, eventualmente, ter-se iniciado, ainda, algures nos finais do século anterior.

Esta seria, com alguma certeza, uma necrópole associada a um contexto habitacional de cariz rural, podendo, pelo seu cariz “megalítico” enquadrar-se num qualquer tentativa de legitimação da apropriação do território por parte do grupo que a construiu. A sua localização no centro de um importante conjunto megalítico, funerário e não funerário, jogaria com alguma probabilidade com estratégias de associação e veneração dos ancestrs, representados pelos velhos monumentos.



Urna do enterramento 2 - Necrópole do Monte da Têra

Planta dos enterramentos da Necrópole do Monte da Têra no final da Campanha de 2007.

